



CARTA MENSAL



Gilberto Kfourir Jr.
CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

#outubro/2024

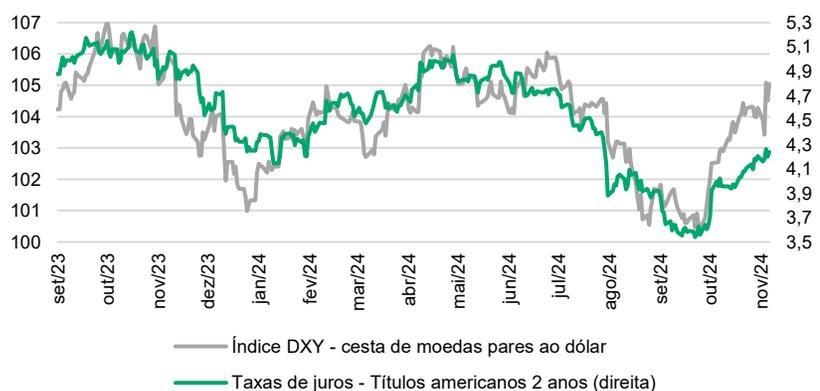
“A força de Trump no Congresso dá respaldo para a extensão dos cortes de impostos adotados por ele em 2017 e que vencem ao final de 2025. Adicionalmente, Trump deve avançar na agenda anti-imigração e na imposição de tarifas de importação, alvos de suas promessas de campanha. Ainda é cedo para afirmar qual será a magnitude dessas tarifas e o consequente impacto sobre a economia americana. No entanto, é sabido que tais políticas trazem um viés inflacionário e podem levar a uma cautela adicional nas decisões de política monetária adotadas pelo Federal Reserve (Fed). Posto isto, o cenário para o Fed é bastante desafiador. Além das incertezas econômicas geradas pela nova configuração política, o modo “dependente de dados” adotado pelo banco central americano acaba trazendo uma volatilidade elevada a cada dado de inflação e de mercado de trabalho divulgado.”

ECONOMIA INTERNACIONAL

O mês de outubro foi marcado por uma alta volatilidade dos ativos no mercado internacional, contando com um fortalecimento do dólar perante as moedas pares e com a elevação das taxas de juros americanas, refletindo a antecipação pelo mercado da vitória de Trump na eleição americana. De fato, o foco do mercado no último mês foi a eleição americana e a política monetária do Fed, além de aguardar detalhes sobre as medidas fiscais adotadas pela China e de monitorar os desdobramentos geopolíticos dos conflitos correntes.

Gráfico 01

Dólar e Juros Americano de 2 anos



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 08 de novembro de 2024

Mais detalhadamente, sobre as eleições americanas, Donald Trump venceu a disputa pela Presidência, acompanhado de uma vitória dos Republicanos no Senado e possivelmente na Câmara, embora o resultado oficial desse último ainda não esteja confirmado. A força de Trump no Congresso dá respaldo para a extensão dos cortes de impostos adotados por ele em 2017 e que vencem ao final de 2025. Adicionalmente, Trump deve avançar na agenda anti-imigração e na



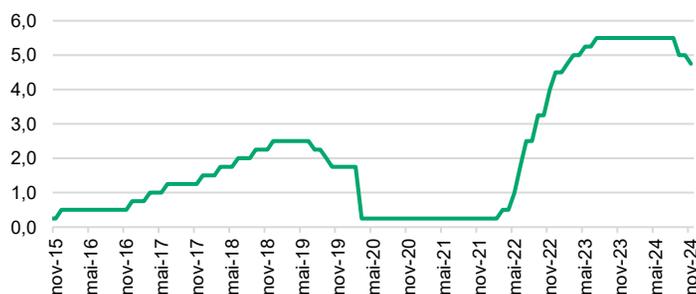
“Embora seja prematuro dizer como os mercados globais irão performar ao longo do ano que vem, a leitura inicial acerca do governo de Trump é de um fortalecimento do dólar no mundo e menor queda de juros.”

imposição de tarifas de importação, alvos de suas promessas de campanha. Ainda é cedo para afirmar qual será a magnitude dessas tarifas e o conseqüente impacto sobre a economia americana. No entanto, é sabido que tais políticas trazem um viés inflacionário e podem levar a uma cautela adicional nas decisões de política monetária adotadas pelo Federal Reserve (Fed).

Posto isto, o cenário para o Fed é bastante desafiador. Além das incertezas econômicas geradas pela nova configuração política, o modo “dependente de dados” adotado pelo banco central americano acaba trazendo uma volatilidade elevada a cada dado de inflação e de mercado de trabalho divulgado. Mais recentemente, a inflação apresentou uma aceleração, em parte por resíduos sazonais, ao mesmo tempo em que os dados de atividade e de mercado de trabalho permanecem muito fortes. Esses últimos, no entanto, foram impactados pelos furacões e greves na leitura de outubro, tornando a avaliação dos dados mais ruidosa.

Levando todos esses fatores em conta, o FOMC adotou uma postura cautelosa e optou por reduzir o ritmo de corte de juros de 50 bps para 25 bps em sua última reunião, levando a taxa para 4,75% (intervalo superior). Além disso, Powell informou que o plano é retirar gradualmente o nível de restrição monetária, de forma a garantir a convergência da inflação e a preservação do pleno emprego. Isso, na nossa visão é compatível com outro corte de 25bps em dezembro e, mais à frente, o ritmo será ditado pelos dados divulgados ao longo do ano que vem e pelos efeitos das novas políticas adotadas pelo novo governo.

Gráfico 02
EUA: taxa de juros Fed Funds (intervalo superior)



Fonte: Federal Reserve. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 1 de novembro de 2024.

Embora seja prematuro dizer como os mercados globais irão performar ao longo do ano que vem, a leitura inicial acerca do governo de Trump é de um fortalecimento do dólar no mundo e menor queda de juros. Isso tornaria o cenário mais desafiador para diversos países, sobretudo para o Brasil, cuja moeda já apresentou uma das maiores depreciações nesse ano. Observamos, portanto,

dois efeitos sobre a depreciação do Real recentemente: o impacto do dólar mais forte globalmente, diante da mudança de poder nos EUA e maior cautela do Fed, e o impacto da desconfiança doméstica acerca da sustentabilidade fiscal.

Gráfico 03
USDBRL



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 7 de novembro de 2024.

ECONOMIA BRASILEIRA

De fato, o humor do mercado doméstico apresentou uma deterioração significativa em relação ao cenário fiscal. Desde o início de outubro, além da forte depreciação cambial, houve uma reprecificação da curva de juros com uma elevação de cerca de 100 bps na taxa terminal, saindo de patamares próximos a 13% e agora alcançando 14%. Tudo está interligado: a desconfiança com o fiscal leva à depreciação cambial, que por sua vez, afeta a inflação corrente e as expectativas de inflação à frente, levando o banco central a reagir subindo ainda mais a taxa de juros para frear tal avanço inflacionário. Nesse cenário, é difícil visualizar qualquer melhora que não passe por um ajuste fiscal crível e sustentável. Caso nada seja feito, nos próximos anos o arcabouço fiscal proposto pelo próprio governo cairá por terra, uma vez que o crescimento de despesas obrigatórias levará à compressão de despesas discricionárias, chegando a um patamar insustentável.

A equipe econômica do governo parece ter entendido esse diagnóstico e elaborou um pacote de medidas que trazem uma perspectiva mais duradoura para a manutenção do arcabouço fiscal. Neste momento, esse pacote está sendo discutido com o Presidente e com o restante do governo. Há uma grande incerteza sobre o que será aprovado, visto que, além da própria resistência do governo, diversas medidas deverão ser apoiadas pelo Congresso. Quanto mais desidratado for esse pacote, maior será o esforço necessário da política monetária para frear o cenário de deterioração inflacionária mencionado.

A inflação corrente já está em um patamar desconfortável. O último IPCA divulgado, referente ao mês de



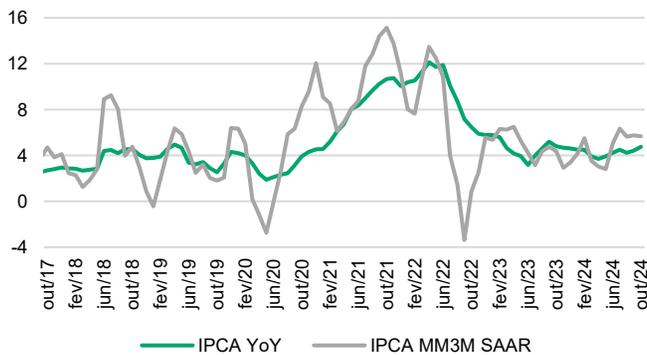
“Segundo as nossas projeções, a inflação continuará rodando acima do teto da meta ao longo dos próximos meses, adentrando o ano que vem. Diante disso, visualizamos o ciclo de alta de juros acompanhando esse movimento, com o Banco Central elevando a Selic ao longo do primeiro semestre do ano que vem, atingindo 12,75%.”

outubro, registrou uma variação anual de 4,76%, acima do intervalo superior de tolerância da meta de inflação. Esse resultado refletiu uma inflação elevada de energia elétrica (impacto da seca no período), o choque de alimentos puxado principalmente por carne bovina, o repasse cambial afetando os preços de bens industriais e a resiliência da inflação de serviços, que não tem cedido diante do superaquecimento da demanda como desdobramento da pujança do mercado de trabalho.

o comitê reconheceu a piora da perspectiva inflacionária, elevando as projeções de inflação por todo horizonte de análise. Na nossa visão, isso indica que, nas condições atuais, não há espaço para os cortes de juros projetados pelo Focus ao longo do ano que vem. Propositadamente, o Banco Central não se comprometeu em relação ao ritmo de elevação da Selic para as próximas reuniões, visto que a política fiscal pode acabar guiando a política monetária para caminhos distintos.

Gráfico 04

IPCA: Variação Anual e Média de 3 Meses Anualizada



Fonte: IBGE e cálculos BNPPAM. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 01 de outubro de 2024.

Segundo as nossas projeções, a inflação continuará rodando acima do teto da meta ao longo dos próximos meses, adentrando o ano que vem. Diante disso, visualizamos o ciclo de alta de juros acompanhando esse movimento, com o Banco Central elevando a Selic ao longo do primeiro semestre do ano que vem, atingindo 12,75%. No entanto, como mencionado, o ciclo de juros dependerá diretamente da resolução da política fiscal. Caso o pacote aprovado seja excessivamente brando, pode ser que a autoridade monetária tenha que avançar ainda mais no ciclo de aperto. Ou seja, o grau de incerteza sobre a evolução da política monetária ao longo do ano que vem é bastante elevado, sobretudo quando se considera possíveis interferências políticas nesse âmbito, algo que não incorporamos no nosso cenário base.

Em sua última reunião, o Copom avançou no ritmo de alta de juros, elevando a Selic em 50 bps para 11,25%. No comunicado,



Andressa Castro
Economista-chefe

RENDA FIXA E MULTIMERCADO

COMPORTAMENTO DO MERCADO

Os índices de renda fixa com maior *duration* fecharam outubro em território negativo, como IMA-B5+ (-1,66%) e IMA-B (-0,65%), contra CDI de +0,93%.

NOSSA VISÃO

A percepção geral, olhando a evolução recente dos preços dos ativos no Brasil é que há uma piora em função do aumento do risco fiscal. Ainda assim, alguns comportamentos parecem fugir do que seria esperado, sobretudo a luz da alta da Selic iniciada em 18 de setembro. Nesse período, o dólar passou de 5,46 para 5,70; a inflação implícita de 2 anos subiu de 5,10 para 5,70; NTN-B 2050 subiu de 6,36 para 6,70. A inclinação de juro nominal, medida pelo diferencial entre os DIs Jan31 e Jan26 passou de +20bps para -27bps (preços de 7/11, *day after* do Copom). Nesse caso, até estaria coerente com o ciclo de juros, ou seja, não é de todo estranho que a curva perca inclinação com o BC subindo juros. Mas e o risco fiscal, aqui não conta? Sobretudo se pensarmos que o risco de crédito deveria ser mais relevante para 2031 do que para 2026.

Sem pretender ser conclusivo, uma provável resposta a “anomalia” dos juros longos seria a atuação do Tesouro Nacional. Ao reduzir a emissão de títulos pré-fixado longos, e considerando que há demanda por esses ativos (do contrário, não teríamos uma curva tão negativamente inclinada), o tesouro poderia estar causando uma distorção no desenho da curva. A maneira pelo qual o mercado tem transmitido o risco fiscal para curva de juros tem sido através de uma Selic terminal mais elevada, no ciclo de alta corrente, e menos por meio de prêmio de risco na estrutura a termo. Teoricamente, essa distorção atrapalha o BC, à medida que

a perda de inclinação implica em afrouxamento das condições financeiras.

O BRL é outro que frustrou aqueles que apostavam na Selic como um catalisador para moeda se valorizar ou estabilizar, ainda mais com o Fed cortando juros. É verdade que o dólar subiu globalmente (DXY +3,7% de 18/set-7/nov), mas o Real foi pior que os pares emergentes – perdeu 1,5% em relação ao peso mexicano, 1,1% em relação ao peso colombiano e -2,3% em relação ao peso chileno, mesmo sendo o único na região (e no mundo) a ter subido juros. Interessante notar a reação no *day after* ao Copom de novembro, em que o BC acelerou o passo para 50bps e escreveu um comunicado duro: nossa moeda ficou estável, enquanto nossos vizinhos se valorizaram (CLP +1%, MXN +1,4%, COP +1%).

Adicionalmente, em relação ao Tesouro, a alternativa de não emitir ativos prefixados tem sido o aumento de LFT na composição da dívida. Ou seja, temos juros mais altos, com perfil pior, mais atrelado a Selic. Enfim, estaria o BRL sofrendo pressão em virtude de um custo da dívida mais elevado e em ascensão? Como será o comportamento da moeda caso as expectativas de Selic a 13-14% se concretizem? Difícil cravar, mas as pistas iniciais são no mínimo intrigantes e talvez reveladoras que os juros podem não ser uma panaceia, papel que caberia bem a um ajuste fiscal crível.

São reflexões que ilustram o elevado grau de incerteza no ambiente de investimento local, bem traduzidos em prêmios de risco elevados. Por outro lado, ainda cremos que o país esteja relativamente blindado a populismo econômico extremado, ainda mais no contexto de fortalecimento da política de centro pós eleições municipais e nos EUA. Iniciamos, com cautela, aumento de risco no portfólio de renda fixa, nos vértices longos de NTN-B.



Michael Kusunoki
Head Renda Fixa & Multimercados

CRÉDITO PRIVADO

O mercado de crédito continua resiliente e com a dinâmica positiva dos últimos meses, porém com captações líquidas - que somaram aproximadamente R\$32 bi em fundos de crédito - mais moderadas e abaixo da média do ano. As emissões no mercado primário registraram R\$83,5 bi em títulos de crédito - maior valor do ano -, com o percentual distribuído de 68%. O mercado secundário segue com alto volume de negociações, em linha com o mês anterior, somando um total de R\$ 57 bi.

No mercado de CDI, apesar da captação líquida da indústria, a média simples dos spreads de crédito no mercado secundário aumentou levemente, voltando aos níveis de julho. Isso sinaliza uma possível redução de apetite dos investidores em alocar nos níveis atuais e um consequente ajuste de preço dos ativos. No mercado de IPCA, os spreads também tiveram um leve aumento, mas ainda se encontram em níveis muito baixos em comparação com os últimos dois anos.

Para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva, e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente, a alocação em títulos de crédito bancário segue com bastante força, devido à redução do diferencial de prêmio de risco entre os ativos dos bancos e os ativos corporativos não financeiros. Dessa forma, buscamos manter a nossa alocação em ativos de crédito com os prazos médios das carteiras dentro das faixas que estabelecemos, otimizando da melhor forma a relação risco-retorno. Seguimos estrategicamente cautelosos e atuando de modo mais conservador em decorrência dos seguintes riscos percebidos: a incerteza sobre a política fiscal e a execução orçamentária no Brasil, a incerteza sobre os resultados das eleições americanas e o rumo da política monetária dos EUA e doméstica, e a permanência das tensões geopolíticas.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima dos 95%. A *duration* da carteira é superior ao IMA-B5 em função da menor alocação em títulos até 2025 e maior alocação em títulos no meio da curva, de 2026 até 2030. Acreditamos que nesta nova fase do ciclo monetário, ativos indexados à inflação com *duration* intermediária oferecerão excelente oportunidade de diversificação, principalmente em carteiras que tenha alta concentração em CDI. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos spreads para os ativos em IPCA, mesmo que menores que os observados no início de 2023, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real, torna os ativos de infraestrutura particularmente atraentes.



Henri Rysman de Lockerente
Head de Crédito Privado

RENDA VARIÁVEL

Em outubro, tivemos um mês em que os ativos de bolsa globais fecharam em queda. O índice S&P encerrou o mês com uma desvalorização de 0,99%, permanecendo ainda próximo das máximas recentes. Fatores como as eleições norte-americanas, o início da temporada de resultados do terceiro trimestre de 2024 e as incertezas no mercado de juros dos Estados Unidos influenciaram essa movimentação. As probabilidades de cortes de juros na próxima reunião, que estavam precificadas pelo mercado, diminuíram.

Nos demais mercados desenvolvidos, os movimentos de queda foram um pouco mais acentuados, com o Euro Stoxx apresentando uma queda de 3,46% no mês e o MSCI World encerrando com uma desvalorização de 2,04%.

No que diz respeito às bolsas dos países emergentes, outubro foi um mês extremamente negativo, com o índice MSCI Emerging Markets fechando em queda de 4,38%. Observamos também um grande *outflow* nos fundos dedicados a esses mercados, ocasionado principalmente pelas movimentações no mercado de juros norte-americano, que reduziram o apetite por ativos de maior risco.

Em relação às commodities, outubro trouxe uma reversão da tendência de alta do minério de ferro, que se estabilizou próximo aos 100 dólares por tonelada, encerrando o mês com uma leve queda em relação a setembro (-5,08%). Por outro lado, o petróleo se valorizou em meio a tensões crescentes no Oriente Médio, após uma queda significativa em setembro, com o barril do Brent negociando próximo aos 75 dólares durante todo o mês.

No cenário local, o índice Ibovespa fechou o mês com uma queda de 1,60%, sendo um dos ativos locais mais resilientes em termos de performance. Os ativos brasileiros enfrentaram desafios devido à incerteza quanto à capacidade do governo de cumprir a meta fiscal apresentada pelo novo arcabouço, o que voltou a dominar as discussões de mercado. Enquanto a bolsa teve uma leve queda, observamos um movimento relevante de abertura da curva de juros e a desvalorização do real em relação ao dólar. Setorialmente, destaco as empresas exportadoras de proteína, que tiveram a performance mais positiva do mês.

Na carta referente a agosto escrevi: “continuamos a observar um cenário de ações subvalorizadas com incertezas de curto prazo e horizonte curto de investimento dos investidores.”

E essa continua sendo a grande tônica do mercado acionário: curto prazo. E com vários eventos macro e micro no horizonte de menos de um mês, é o que tem direcionado a volatilidade de mercado. Sendo esses eventos: eleições americanas, discussões fiscais de corte de gasto e resultados do terceiro trimestre das empresas. Por outro lado, vemos uma grande falta de correlação entre o Ibovespa, as taxas de juros e o câmbio.

Decidimos fazer uma análise mais profunda sobre esse tema, porque ao longo do ano houve um estresse maior nos outros

ativos do que no Ibovespa. E a nossa conclusão foi: a performance desconcorrelacionada destas ações foram causadas por eventos específicos de cada empresa e setor, na contramão do comportamento das demais variáveis macroeconômicas. Encaixam-se nesse perfil empresas como Weg, Embraer e empresas de proteína animal. Cada uma, com suas devidas particularidades, apresentou forte performance que contribuiu para a falta de correlação do índice e as variáveis macroeconômicas.

Porém, quando focamos apenas em ativos que deveriam apresentar performances ruins devido ao aumento de juros, como empresas com alta alavancagem, vemos que a correlação de performance entre estes ativos e o índice Ibovespa se mantém. Se criarmos uma cesta de ativos que possuem elevada dívida líquida em relação ao seu resultado operacional, e compararmos graficamente com os níveis de taxas de DI para 2026, é possível observar que existe uma boa correlação, mas principalmente, que ambos os ativos estão muito próximos das mínimas.

Gráfico 05

Empresas alavancadas (eixo esquerdo) comparado com DI Jan 2026 (eixo direito)



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 31 de outubro de 2024.

O mesmo acontece com os ativos de longa duração, que traduzimos em ativos com alto múltiplo preço/lucro. Quando analisamos uma cesta de ativos de longa duração contra a NTN-B 2035, também encontramos uma correlação elevada entre eles. Isso tende a ocorrer porque ativos de maior duração tem uma alta correlação com a taxa de desconto, para a qual a NTN-B 2035 é uma boa proxy.



Marcos Kawakami
Head Renda Variável



FUNDO DE FUNDOS

Em outubro, seguimos com o movimento de realização que vimos no mês de setembro. Nos Estados Unidos, após dados mais fortes da economia americana e com a proximidade das eleições com pesquisas mostrando um favoritismo a Donald Trump, observamos abertura na curva de juros e bolsas negativas. O mercado local acompanhou o cenário externo, com altas relevantes na curva de juros, ativos de risco negativos e real se depreciando.

Nos Estados Unidos, os dados do PIB do terceiro trimestre que registrou variação de 2,8% confirmaram a narrativa de que a atividade segue firme, principalmente pautados pelo mercado de trabalho e vendas no varejo. O relatório de emprego do mês trouxe uma dinâmica mais frágil por conta das greves e furacões, mas que na visão do mercado, devemos ter sinais de desaceleração à frente. Do lado de Política Monetária, conforme falamos em nossa última carta, o Banco Central deverá continuar com os cortes em menor magnitude, dada a convergência à meta. Na Europa, a dinâmica segue a mesma, em que os membros do Banco Central seguirão com os cortes, dado os sinais de desaceleração da economia.

No local, a dinâmica segue a mesma. Temos uma atividade econômica forte e resiliente com o mercado de trabalho com novos recordes de ocupação e renda crescendo forte, com isso temos visto revisões altistas para o PIB. Já no lado fiscal, o cenário que temos visto é o oposto dada a demora do Governo em apresentar as medidas de contenção de gastos somado a um favoritismo de Donald Trump à eleição dos Estados Unidos, que tende a deixar o dólar mais forte, pressionando as commodities que implica diretamente na dinâmica da inflação, sendo esse um dos principais vetores de atenção.

Em nossos mandatos “CDI+”, o resultado foi abaixo do CDI. Em relação as classes, nos Multimercados Macro, após dois meses de alívio, tivemos uma dispersão de resultados. Nos Long & Short e Long Bias tivemos dispersões de resultado, principalmente pela performance negativa da bolsa local.

Nos benchmarks compostos, os resultados em linha com o benchmark, puxados principalmente pela parcela de Renda Fixa, que foi o destaque positivo de outubro ficando acima do CDI no mês, com apostas em altas de juros que se concretizou, dada a dinâmica do local. Do lado dos ativos, o IRF-M (0,21%), IMA-B5 (0,74%), IMA-B (-0,65%), IMA-B5+ (-1,66%), Ibovespa (-1,60%) e Small Caps (-1,37%).

Por fim, no mês não fizemos grandes alterações. Seguimos com a nossa posição em Juro Real, dado os patamares atuais bem atrativos. Com a eleição dos Estados Unidos no começo do mês, mantivemos nossas posições reduzidas e em linha com os alvos dada a imprevisibilidade do evento. Após a decisão, teremos melhores informações para a adição de risco a carteira e/ou soluções táticas.



João Uchoa Borges
Head Fundo de Fundos



ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Novembro	0,93%	0,21%	0,38%	-0,65%	0,74%	6,05%	-1,60%	-1,53%	-1,37%
2024	8,99%	4,12%	5,39%	0,16%	6,08%	19,35%	-3,33%	-2,74%	-14,85%
12 meses	11,03%	8,32%	9,09%	5,53%	9,55%	15,39%	15,27%	15,88%	3,55%

DISCLAIMER

Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em dezembro/2023, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Novembro/2024.



CP 30.2024